

Quarto

GALERIA
MARILIA
RAZUK

curadoria **CRISTINA TOLOVI E LUANA FORTES**

Ana Dias Batista | Ana Sant'Anna | A TRANSÄLIEN
Bruno Faria | Carolina Colichio | Débora Bolzoni
ESTÚDIO Rain | alan chu | Juliana Sedó | Karola Braga
Lyz Parayzo | Marcus Deusdedit | Maria Tereza Bomfim
MÓNICA Heller | Patricia Faragone | Regina Vater
Rodrigo bueno | Rose Afefé | Seba Calfuqueo
Thiago Honório

As tentativas de dormir

Passada a sala de jantar, uma caminhada por um corredor escuro leva até o quarto. Se, antes, procuramos dar o primeiro passo dentro da intimidade associada ao espaço doméstico, agora, damos os outros. Chegamos ao lugar que mais pode revelar sobre sua dona ou dono. Na sala de jantar, havia pequenas revelações, mas elas eram controladas, e se misturavam frequentemente a estratégias exibicionistas relativas a como alguém gostaria de ser visto. No quarto, há pouco espaço para estratégia. Por isso, esta exposição se aproxima dos aspectos mais sutis do momento em que as pessoas se recolhem ali onde dormem.

Este é um mundo contemporâneo marcado pelo excesso do compartilhamento, de imagens, de histórias e de memórias. Fofocas, conflitos e risadas. É uma vida de muito movimento, informação e aceleração. Pergunta, ou afirmação: O que explica as horas e horas que se passam no limbo das timelines de aplicativos ou nos seriados de reality TV que, nas plataformas de streaming, já engatam um episódio no próximo (interrogação, ou ponto final).

Das reações possíveis a tanto estímulo, há a inação e a apatia. Se recolher no quarto ou em si. Perceber o tempo como algo pesado e devagar. Isso pode impactar as relações que cultivamos ou deixamos de

cultivar conosco mesmos ou com os outros. Pode levar a espaços e pessoas de refúgio, confiança e vulnerabilidade. Ou ao olhar para dentro e para um apreço à própria companhia. Mas, também, pode trazer a solidão, a melancolia e a tristeza, que tanto temos percebido ao nosso redor.

Tanto a acontecer. Nada a fazer.

Este quarto reúne objetos, trabalhos, artistas que refletem diferentes maneiras de pensar sobre as relações pessoais e interpessoais. Abriga o estar junto, mas se sentindo sozinha. E estar junto, se sentindo acolhida. Nesse sentido, abriga ainda o segredo, o sexo e o fetiche, assim como o corte e a separação.

Aqui vemos também alusões a pessoas que habitam o quarto como um lugar seguro e nu, junto de seus objetos que são protetores e atuam na construção de suas figuras públicas. As roupas, as joias... Tudo aquilo que quando usado monta quem desejamos apresentar ao mundo exterior. Na sala de jantar, havia indícios e vestígios da intimidade. No quarto, existem preâmbulos ou o ensaio de quem somos publicamente.

Mas, aqui, esses objetos paralelamente podem se referir ao universo dos sonhos e da invenção. Uma das possibilidades de remissão do cotidiano tedioso, o espaço para o inusitado, alegre ou aterrorizante. O pesadelo. Este, então, é o lugar onde se dorme, ou se tenta dormir nas noites inquietas que apenas se revira pela cama.

Luana Fortes

Maio, 2026

Quarto – segundo ato

Quartos são espaços de recolhimento mas não mais necessariamente de repouso. É para onde nos voltamos quando algo dentro de nós transborda, quando a experiência da existência já não cabe no exterior. Ali encontramos amparo para o limite físico, mas a mente permanece em atividade, insistente, reorganizando imagens, repetindo cenas, deslocando sentidos e tentando fazê-los existir.

Partindo novamente da atmosfera inquieta da obra "Hotel du Pavôt, Chambre 202", de Dorothea Tanning, a exposição "Quarto" se apresenta como abrigo, mas também como um campo de tensão sutil. Um espaço que acolhe o colapso, o excesso, o amor. Onde alegria e melancolia podem coexistir, sem hierarquias, sobrepondo-se.

Se "Sala de Jantar" pressupunha o encontro, o compartilhamento e a exposição controlada, "Quarto" parte de outra premissa: a da interioridade. Um território onde o que é vivido se transforma de forma fragmentada, muitas vezes onírica. Os pensamentos se desestabilizam e fogem, mas retornam, atravessados por percepções que não se deixam nomear com precisão, pois as palavras não dão conta do sutil.

O movimento de recolhimento não se interrompe, expande. A interioridade, longe de ser apenas retração, é também elaboração. Insistindo em permanecer com aquilo que não se resolve, entre memória, imaginação e persistência, o quarto se torna lugar de devaneio de reconstrução para a existência.

Ao longo da história, o quarto foi conquistando seu lugar como um espaço separado da convivência

social, não apenas como resposta a uma necessidade de individualidade, mas como possibilidade de estar consigo mesmo. Nessa transição, a solidão deixa de ser apenas ausência e pode tornar-se condição para pensamento, imaginação e construção de si. O quarto, assim, torna-se o espaço onde a identidade se constitui em uma percepção de tempo elástica.

As obras reunidas nesta exposição vieram por caminhos distintos, na proporção em que a atmosfera do quarto foi sendo construída. Artistas e designers ampliam o diálogo, extrapolando as limitações impostas em suas atuações. Em alguns casos, quartos aparecem de forma direta, como vestígios de corpos, em outros, de forma subjetiva revelando memórias e a beleza da existência.

Cristina Tolovi

Nota: A exposição coletiva Sala de Jantar, foi realizada no Anexo Marília Razuk em maio de 2025.